ORAÇÃO FUNEBRE

QUE

NAS EXEQUIAS SOLEMNISSIMAS

DE

SUA MAJESTADE EL-REI D. LUIZ I

CELEBRADAS PELA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

a 27 de novembro de 1889

RECITOU O

DR. FRANCISCO MARTINS

LENTE CATHEDRATICO DA FACULDADE DE THEOLOGIA

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1890

Ao Ill.mo e Ex.mo Sñ.

Conselheiro

Thomas Antonio Ribeiro Ferreira.

ORAÇÃO FUNEBRE

1
L19

2
L19

ORAÇÃO FUNEBRE

QUE

NAS EXEQUIAS SOLEMNISSIMAS

DE

SUA MAJESTADE EL-REI D. LUIZ I

CELEBRADAS PELA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

a 27 de novembro de 1889

RECITOU O

DR. FRANCISCO MARTINS

LENTE CATHEDRATICO DA FACULDADE DE THEOLOGIA

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1890

2.
L19

In hoc tantum culpabilis, si non quae decent, et oportet, dixerit.

JOANN. CHRYSOST. *Homil. XII ad Ephes.*

Non quia humanae laudis nos esse avidos decet, sed quia ea, quae ministramus, Dei sunt.

AUGUST. *Lib. de Catech. rud.*, c. X.

3
L19

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Curavit gentem suam,... adeptus est gloriam in conversatione gentis.

Eccli., cap. L, vv. 4 e 5.

«Quando a dôr e o lucto são espontaneos, são o mais valioso epitaphio a que um rei póde aspirar (1).»

Assim pensava o soberano cuja alma suffragamos, e a quem hoje tributamos, no recinto sagrado e á face dos altares do Deus verdadeiro, esta funebre e pomposa commemoração.

Assim o escreveu, ao testemunhar o seu animo agradecido pelas provas de amor e sympathia, dadas por todos os portuguezes na morte do Senhor D. Pedro V, seu muito chorado e amado irmão, aquelle cujo finamento a nação hoje pranteia, e com ella a nossa Universidade.

Se ao traçar essas palavras sentenciosas, com a alma oppressa de dôr, em hora de angustias, quando por entre a consternação da grande familia portugueza dava os primeiros passos no governo d'este paiz, fitou esse alvo, a elle se encaminhou sempre e de feito o attingiu. Aquella aspiração realisou-se!

Dedicando-se todo á felicidade do seu povo, teve d'elle particular cuidado—*curavit gentem suam;* por isso a dôr e o lucto, brotando espontaneos de todas as classes sociaes, que a todas lhana e bondosamente acolheu e tractou, são o valioso epitaphio que adorna

---

(1) Carta dirigida por Sua Majestade o Senhor D. Luiz I ao Marquez de Loulé em data do 1.º de dezembro de 1861.

3
L19

o tumulo de El-Rei o Senhor D. Luiz I—*adeptus est gloriam in conversatione gentis.*

Estas palavras, com que o filho de Sirach, no intuito de alentar os seus compatriotas e correligionarios, faz o elogio de um benemerito da sua patria, são de molde para se applicarem ao Monarcha recem-defuncto.

O filho de Onias, promovendo com sua efficaz e benefica influencia os melhoramentos materiaes e moraes de Israel, mereceu logar honroso entre os mais abalisados chefes da sua gente, que alli haviam adquirido renome por serviços assignalados e distinctissimos. O agiographo, tecendo-lhe os mais remontados encomios, nol-o representa occupando uma posição proeminente e sobreexcedendo os seus concidadãos, porque teve cuidado particular do seu povo, e pelo tracto com a nação alcançou gloria.

É assim que, em todos os tempos e entre todos os povos, bem merecem da historia os que dignamente se consagram ao arduo mister do mando, que tantos ambicionam e tão poucos comprehendem!

Mister que em verdade enaltece ou envilece consoante é bem ou mal exercido, e que em todo o caso é formidando a todas as capacidades. Ninguem, pois, nutra o desejo de ser n'elle investido, salvo o dever que a todos impende, e que baseia na solidariedade social, de não recusar os seus serviços na medida do cabedal dos proprios recursos.

E não esqueça que quanto mais elevado é o cargo, maiores faculdades exige e mais onerosas responsabilidades impõe.

A todos sobreleva o de presidir aos destinos de uma nação, e ainda mais de uma nação como a portugueza que, permittindo-o

4
L19

Deus, tanto se ha ennobrecido por valor e extremadas dedicações, competindo primazias e benemerencias soberanos e subditos.

Em tão embaraçosas condições, aggravadas pelas occorrencias calamitosas que haviam coberto de lucto o paiz, começou a reinar o Senhor D. Luiz I.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Desde a mocidade, esse aureo periodo da vida, que ordinariamente se escôa e desliza despreoccupado para os jovens, e que menos se compadece com a gravidade das funcções do penoso officio de rei, que demandam reflectida e madura ponderação, desegual aos verdes annos, até aos ultimos momentos acompanhados do deperecimento de forças, alquebrado pela doença, e quiçá pungido e dilacerado pelos espinhos que ouriçam e abrolham a senda escabrosa trilhada pelos que governam, passou entregue aos cuidados gravissimos da ingrata e difficil tarefa de reinar.

E, tractando os negocios publicos da nação portugueza durante mais de um quarto de seculo, deixa após si um rasto luminoso de gloria a aureolar-lhe o nome respeitado e a memoria abençoada —*Curavit gentem suam, adeptus est gloriam in conversatione gentis.*

Todo o mundo culto, que não só o paiz, cujos destinos regeu por tão largo periodo, está reconhecendo este merecimento nas manifestações de respeito e honrosas commemorações, que por todo elle se estão celebrando.

A Universidade de Coimbra, «a melhor instituição da patria», no dizer de um venerando panegyrista (1) do grande cidadão seu reformador, não podia faltar ao cumprimento d'este dever patriotico; que é timbre d'ella não ceder o pristino primado em todas as

---

(1) Sr. conego José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Mártens, Oração funebre na trasladação dos restos mortaes do primeiro Marquez de Pombal.

4
L19

manifestações dignas do credito e do bom nome portuguez. Consagrando este acto em homenagem ao saudoso Monarcha, offerecendo no altar sancto, por mão do ungido do Senhor, ao Deus de Misericordia o sacrificio da Victima do resgate, espargindo a agua lustral, e fazendo recitar as preces e tributando estas honras, que a Egreja manda consagrar aos seus mortos, a nossa Universidade cumpre um dever de gratidão, e até de justiça, porque o merito cria direitos.

O nosso estatuto (1), que é lei vigente, que não deve obliterar-se, antes sim, para luzimento d'esta corporação, fazer-se resuscitar, se n'alguma cousa anda esquecido, quer e preceitua que suffraguemos assim com solemnes exequias o nosso Protector.

Em observancia e obediencia d'elle é que eu, não obstante a minha incapacidade, tenho a grande e immerecida honra de falar-vos n'est'hora tão solemne, e sobre tão momentoso assumpto.

A respeitavel e respeitada memoria do augusto fallecido, a magnificencia d'esta acção religiosa, a qualidade e character d'este egregio auditorio, o mais illustrado que póde encontrar-se em terra portugueza, todo este conjuncto de circumstancias estava reclamando que outro, que não eu, houvesse de falar na presente conjunctura.

Omittirei, Senhores, a estreiteza do tempo que tive, minguado ainda pela effectividade do serviço academico; permitto-me, porém, a liberdade de pedir-vos respeiteis os motivos invocados ao ser-me incumbido este oneroso, mas muito honroso encargo, a que tive de submetter-me.

Entre as qualidades que distinguiram o Senhor D. Luiz avultam a sua prudencia, bondade e lealdade, que a historia certamente ha de celebrar; d'ellas vou dizer sobriamente e com a singeleza, que me cumpre, e é propria n'este momento.

Ocioso será pedir attenção, que não póde ella faltar em tal acto

---

(1) Estatutos da Universidade de Coimbra confirmados por El-Rei D. João IV, liv. I, tit. XVI.

5
L19

e em auditorio tal; exoro, sim, não por officio ou artificio oratorio, mas sinceramente, a muita benevolencia que por sem duvida a minha situação vos está aconselhando.

Nobre Prelado, Reitor da Universidade; Doutores, meus sabios mestres e affectuosos collegas; Magistrados; Auctoridades e funccionarios de todas as ordens e categorias; generosa, sympathica e estimavel mocidade academica; cidadãos de todas as jerarchias: sêde-me benevolos, implorae commigo a graça divina.

Auxiliae-me, SENHOR, dirigi meus pensamentos e palavras.

Percorrei, Senhores, o mundo civilisado e o mundo barbaro, e ahi encontrareis em toda a parte e sempre o culto religioso dos mortos. Por toda a parte e sempre vemos, ao desapparecer da scena da vida um membro da familia humana, a prece misturar-se com lagrimas. É que o culto dos mortos não representa só uma affirmação religiosa, traduz tambem um desafogo do coração.

E como nos apparece grande e confortante a crença christã, quando nos guiamos pelos dictames da fé!

Por entre as mais rijas provações, quando os que na vida mais caros nos eram se vão sumindo na voragem do tempo, offerece-nos sempre luz, força, consolação!

Sejamos fieis em honrar os nossos mortos!

Quando morrem na paz do Senhor, deploremos a sua perda, lamentemos a sua ausencia, invoquemos entre lagrimas de saudade a sua memoria, mas não os lastimemos, porque a Verdade Eterna os proclama soberanamente felizes (1).

Se á justiça divina alguma expiação deviam, podemos promover-lhe termo pela prece e pela esmola.

---

(1) APOC. XIV, 13. *Beati mortui, qui in Domino moriuntur.*

5
L19

Cerquemos o seu tumulo com preces publicas e com a pompa religiosa que em sua alta sabedoria a Egreja concede a seus filhos. Assim proclamamos a immortalidade da alma, o dogma da vida futura com suas imperecedoras recompensas, os meritos infinitos de Jesus Christo, a consoladora communicação dos sanctos, o poder da oração e da esmola, e ainda a nossa fiel ternura para com os que amámos e nos amaram.

Cumpre a nação fidelissima este dever para com um soberano que amou e lhe retribuia em disvelos e cuidados; e ao passo que assim se expande em sentimentos de gratidão honrando-lhe a memoria, circumda de respeitos a auctoridade que elle representou e exerceu.

São mui opportunas estas occasiões para a religião affirmar um dos seus characteres: qual é o de auctorisar e cercar de prestigio os que governam. E como a auctoridade civil ou póde cahir na indifferença esterilisadora, ou concitar a censura acre e damnosa, precisa tambem inspirar-se na religião e conciliar o respeito, não como o entendia o mundo gentilico, um sentimento de temor baseado no imperio brutal da força, mas o respeito christão, baseado na vontade soberana de Deus, e acompanhado de um sentimento de amor para ser o que o mestre divino dizia do apostolado: o sal e a luz das sociedades.

Só assim poderá manter-se a harmonia social pelo respeito mutuo entre superiores e inferiores, protegendo a fraqueza contra a força e exigindo, como um dever de consciencia, a fidelidade do christão á vontade do seu Deus, e a fidelidade do cidadão ás leis do seu paiz (1).

Por esta ordem de considerações, desde remotissimas eras os funeraes dos reis, dos principes e dos grandes revestiram pompa excepcional.

---

(1) I. Petr. II, 17. *Deum timete: regem honorificate.*

6
L19

Deixae, Senhores, que eu memore os do imperador Theodosio, a que tanto realce deu o notavel discurso pronunciado pelo bispo de Milão, Ambrosio, character diamantino, que conquistava Agostinhos para a crença, e que no desempenho do seu ministerio sabia proceder corajosamente, mas sem altivez.

Felizmente que, guardadas as proporções, eu posso tambem, com afoiteza e sem faltar ao que devo como sacerdote, falar de El-Rei no seio d'esta sabia academia a linguagem da religião de que sou ministro.

Felizmente que, sem esforço nem contrariedade, e sem faltar ao que devo como cidadão, posso elogiar no Senhor D. Luiz I as qualidades de um bom chefe de Estado segundo as instituições vigentes.

Com effeito, Senhores, consultae os livros sanctos e buscae n'elles o retrato de um perfeito chefe.

Quem deve elevar-se e marchar á frente do seu povo? É o que trilha os caminhos da justiça e sabe cultivar a paz nos seus estados; é o que manda com dignidade e se faz obedecer com amor; é o que desempenha fielmente os destinos que a Providencia lhe ha confiado; é o que sabe alliar a prudencia com o imperio, a bondade com a elevação.

Quem ignora que o Senhor D. Luiz dirigiu sempre os seus actos á clara luz d'estes principios?

Procurou sempre firmar a paz e a tranquillidade no reino, quando lá fóra occorriam tantas convulsões (1).

Empenhou-se na ventura e na felicidade do paiz (2); interessou-se no esplendor e na gloria dos seus estados (3): eis a prudencia do seu governo.

---

(1) I. Mac. xiv, 11. *Fecit pacem super terram.*
(2) Ibid. *Et lactatus est Israel lactitia magna.*
(3) Prov. xxix, 4. *Rex justus erigit terram.*

6
L19

A p r u d e n c i a, é ella que no estado actual das ideias, quasi ao findar o ultimo quartel do seculo XIX, póde sustentar um monarcha e procurar a paz ao seu paiz (1).

Deve ella regular todos os seus sentimentos e dirigir todas as suas acções, é ella que o faz triumphar de si mesmo e reinar nos corações de todos.

Conheceis muito bem, Senhores, quantas provas de prudencia em dirigir os negocios publicos deu o Senhor D. Luiz durante vinte e oito annos.

Não me farei cargo de relembrar as crises que em sua prudencia acharam solução pacifica; esses lances difficeis de complicações intestinas e externas, em que é preciso proceder com criterio superior, e que elle atravessou com rara sagacidade e acerto.

A imprensa periodica em seu preito ao regio fallecido já se encarregou de as enumerar, e aqui tiveram tambem já merecida e sabia consagração (2); por isso, e porque falo a um auditorio que as conhece e aprecia á luz de uma critica imparcial, porque illustrada, abstenho-me de os referir.

Não é na majestade do throno que se funda o merito de um perfeito Monarcha: A b o n d a d e, que é uma virtude verdadeiramente real, é que fórma o character de um soberano completo (3).

E quem ha ahi que não reconheça e não esteja convencido de que foi ella o distinctivo mais saliente do saudoso Rei, objecto d'este obsequio funebre?

---

(1) SAPIEN. VI, 22. *O reges populi, diligite sapientiam, ut in perpetuum regnetis.*

(2) Discurso pronunciado pelo sr. dr. JOSÉ FREDERICO LARANJO no dia 26 de novembro de 1889, nas vesperas do officio celebrado em conformidade com os Estatutos da Universidade, log. cit.

(3) PROV. XX, 28. *Misericordia et veritas custodiunt regem, et roboratur clementia thronus ejus.*

7
L19

Pareceu porventura alguma vez excessiva?

Direi d'elle o que de Cesar disse Plinio: Foi clemente até talvez arrepender-se (1).

Convencido de que uma familiaridade simples faria mais amavel a sua dignidade, bondosamente recebia todos os que d'elle se acercavam: o estadista e o operario, o lettrado e o artista, o pobre e o opulento, o aristocrata e o democrata, e para todos tinha delicadezas que captivavam, a todos despedia satisfeitos.

Era assim o seu coração bondoso e a sua alma generosa!

Patenteando a todos majestade accessivel, o seu porte era attrahente para os grandes, era nobre a familiaridade com que se apresentava entre o povo, para quem tinha affectos e sincera dedicação (2).

Era por isso, em verdade, popular não por baixeza, mas por magnanimidade; não amava os povos para possuir-lhes o coração e a bemquerença, mas tinha a bemquerença e o coração dos povos porque os amava.

Popular para promover-lhes o bem-estar e tranquillidade, para alliviar-lhes incommodos. Popular para ser-lhes consolação e soccorro em as necessidades urgentes.

Sabendo que a muitos miseraveis tomava a noite sem tecto, e condoído de tamanha desgraça, funda a abençoada instituição dos albergues nocturnos. Corre pressurosamente e com sentimentos de caridade a alliviar os soffrimentos da indigencia, que o chama por suas mil vezes, que elle entende e comprehende como poucos!

Coração aberto a todos os infelizes, sensivel a todas as cala-

---

(1) Plin., *Natur. Hist.*, lib. vii, cap. xxv. *Caesari proprium et peculiare sit clementiae insigne: qua usque ad poenitentiam omnes superavit.*

(2) I. Mac. xiv, 14. *Confirmavit omnes humiles populi.*

7
L19

midades, procura proporcionar lenitivo a todos os soffredores, balsamo a todos os peitos ulcerados pela desgraça, e, ao passo que assim nobilita o cargo, incita os cidadãos de todas as classes a seguir-lhe o louvavel exemplo, de guiza que por todos é condecorado e acclamado com o suave e significativo titulo de Bom.

Soube, por isso, tornar a sua auctoridade respeitada e amada do povo.

Bem podia eu referir agora muitos factos comprobativos d'estas asserções; torna-se, porém, desnecessario por muito conhecidos, e porque se me não atalhe com o que o papa Pio IV respondeu ao veneravel e eximio arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando este se «espraiava em um eloquente panegyrico dos Principes d'este reino», que bem cabido lhe é esse conceito: «Basta que são principes de Portugal, e com esta só palavra fica entendido tudo o que em muitas se não póde bem significar (1).»

Que direi de sua provada e nunca desmentida l e a l d a d e para com a nação?

Foi portuguez lidimo, n'isso timbrava.

O lemma que inscripto tinha em seu balsão era este: «Nasci portuguez, portuguez quero morrer.»

E, se um distinctissimo orador poude, com palavras de justiça, exaltar no seio da representação nacional um homem eminente do nosso paiz, porque «amava fervorosamente a patria, a nossa querida patria tão merecedora de affectos», offerecendo entre outras, como prova d'esse amor, «a grande parte que teve na nobilissima recusa de um alto personagem á brilhante corôa da Hespanha», que direi do proprio personagem que desprendido de ambições e sem outro norte que a «intemerata lealdade do seu coração de portuguez» recusou essa corôa?

---

(1) Fr. Luiz de Sousa, *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, liv. II, cap. XXIV.

8
L19

Com sobeja razão, pois, devo eu applicar ao Senhor D. Luiz as dignas palavras do mesmo orador:

«Este só facto bastaria para que a historia da nossa terra lhe recebesse e conservasse o nome entre cultos amoraveis de gratidão e de saudade (1).»

Que admira, pois, Senhores, que sob a vigilancia de um Rei prudente, caritativo, generoso, magnanimo, o nosso paiz gozasse paz imperturbavel, e podesse manter as mais cordiaes relações com os outros estados, fruindo um longo periodo de prosperidade, desinvolvendo-se e melhorando n'um progredimento constante em todos os ramos da actividade nacional? (2)

E, se bem que a reorganisação das finanças, o fomento da riqueza publica, o desinvolvimento dos melhoramentos materiaes avultem e tenham merecido a preferencia n'este periodo, porque assim o reclamavam as circumstancias, podemos asseverar que não foi alheio a melhoramentos de outra ordem, de que aquelles são precursores e lhes servem de esteio, recebendo-os em troca.

Á nossa Universidade coube tambem quinhão n'este convivio. Os seus estabelecimentos ou reorganisados, ou de novo fundados, ou melhor dotados, ahi estão para o attestar (3).

Nem podia deixar de ser assim no reinado de um Monarcha tão illustrado, que certamente não desconheceria aquella sentença dos livros sanctos: *Multitudo autem sapientium sanitas est orbis terrarum:*

---

(1) Sr. dr. Antonio Candido, Discurso pronunciado na camara dos senhores deputados em 15 de abril de 1887 em honra do conselheiro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

(2) I. Mac. xiv, 8. *Unusquisque colebat terram suam cum pace; et terra... dabat fructus suos, et ligna camporum fructum suum.*

(3) Cf. Portarias de 2 de maio de 1862 e de 23 de julho de 1870; Cartas de lei de 10 de julho de 1862, de 26 de maio e de 13 de julho de 1863; Decreto de 19 de novembro de 1863, etc.

8
L19

et rex sapiens stabilimentum populi est (1); de um soberano que, reconhecendo os valiosos serviços prestados ás sciencias e ás lettras pela Universidade, se declarara competentemente seu protector como o haviam sido os senhores reis, seus predecessores (2).

No reinado de um soberano que a visitara logo no principio d'elle, e presidira a duas de suas festas mais sympathicas: a distribuição dos premios e o doutoramento (3).

N'aquella patenteara Sua Majestade os seus sentimentos, quando dizia:

«Nas paginas de uma nobre historia têm passado de seculo em seculo as tradições de amor e lealdade na antiga e preeminente Universidade de Coimbra. Lealdade e amor aos seus reis e liberdades foi sempre brazão de portuguez.

«N'este alcaçar das sciencias não podiam deixar de predominar os sentimentos da nação.

«Assim como estes affectos herdados continuam e se acrisolam na benemerita corporação cathedratica e academica, assim os exemplos dos meus antecessores, que em epochas diversas tão claramente manifestaram a sua solicitude por esta Universidade, me estão indicando o norte que me cumpre seguir.

«Á illustre Universidade e briosa academia está confiada uma nobre e gloriosa missão (4).»

Taes as palavras que o finado Rei aqui pronunciou, quando a vida lhe regorgitava e os hosannas de mestres e discipulos o saudavam com enthusiasmo repassado de sympathia.

Quiz reproduzir essas palavras de El-Rei como recordação valiosa.

---

(1) Sap. vi, 26.

(2) Carta regia ao Reitor e Lentes da Universidade, escripta no paço de Coimbra em data de 8 de dezembro de 1863.

(3) 7 e 8 de dezembro de 1863.

(4) Allocução pronunciada por El-Rei o Senhor D. Luiz I na solemne distribuição dos premios no dia 7 de dezembro de 1863.

Dos que as ouviram muitos o precederam no tumulo.

Dos que ainda vivem, e alguns dos quaes assistem a este acto, uns estavam então no vigor da edade, e agora já declinam ao cançaço do labor e das vigilias no magisterio; outros, mestres abalisados hoje, distinctos estudantes então e na pujança da vida, vão já a mais de meio caminho d'ella.

A uns e outros póde esta reminiscencia servir de salutar lição: —**que a vida passa breve!**

Para nós, os moços que as não ouvimos, têm o valor de uma evocação do passado, que em circumstancias taes é sempre apreciavel.

Para todos constituem ellas um titulo mais, que fundamenta esta pomposa manifestação de respeito.

E para mim, que me propuz falar-vos a linguagem da religião, que é a do amor, mais um estimulo para vos incitar a suffragios para que «Deus dê descanço eterno ao Rei finado», como lhe deu as «bençãos, paz e gloria» que o poeta lhe augurou (1). Assim cumprimos um dever de caridade christã e de lealdade e respeito civico.

---

(1) Sr. Thomaz Ribeiro, *Le roi est mort! Vive le roi!*

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
25
MAR.
41
Nº DE REG 2.716

9
L19

10
L19

Esta Oração funebre sahiu impressa no *Annuario da Universidade de Coimbra* do anno lectivo de 1889 a 1890, e no *Instituto,* vol. xxxvii.

10
L19

L19